

33^o Encontro Anual da ANPOCS

Estudantes moçambicanos em Belo Horizonte: uma discussão sobre a construção identitária e de redes de sociabilidade

GT 25: Migrações internacionais

Nome: Yara Neusa Ngomane

Instituição: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Titulação: Mestranda

Email: yngomane@yahoo.com

Este trabalho condensa algumas hipóteses e questões levantadas pelo meu projeto de mestrado, em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS – UFSCar). Considerando o caráter inicial em que se encontra a pesquisa, meus objetivos aqui se restringem a uma tentativa de elucidar algumas questões preliminares sugeridas pelos campos teórico e metodológico.

A pesquisa pretende refletir de que maneira são construídos os processos identitários de estudantes moçambicanos estabelecidos em Belo Horizonte (nos últimos cinco anos) e quais mecanismos estes estudantes se apoderam para tecer suas redes de sociabilidade; ou seja, de que modo é que conceitos como etnia, raça e nacionalidade se conjugam para que esses estudantes se definam e sejam definidos pelos outros, e quais as práticas culturais utilizadas ou descartadas por esses sujeitos a fim de manter uma distinção em relação aos outros.

Discussões sobre questões identitárias têm sido freqüentes nos estudos das Ciências Sociais. Na base desta discussão estão à compreensão dos elementos que a constrói e as formas de representações que operam para que determinado grupo se defina e seja definido em relação aos outros.

Em Moçambique, o sociólogo Carlos Serra (1998) organizou um livro intitulado *Identidade, Moçambicanidade e Moçambicanização* que, por meio do debate plural entre filosofia, antropologia, sociologia, história, geografia e literatura mostra-nos que, longe de se chegar a um consenso de identidade nacional una, Moçambique ainda é o país da interrogação, da ambigüidade e da construção identitária.

Mergulhando numa sangrenta luta armada¹ que só veio a terminar em 1991, logo após a conquista de sua independência de Portugal em 25 de Junho de 1975, Moçambique conta com uma população de aproximadamente 19 milhões de habitantes dos quais 70% vivem em

¹Opondo a Frelimo (Frente de libertação de Moçambique), partido político favorável à implementação do regime socialista no país, e a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), que representando a oposição surgiu de uma iniciativa contra-revolucionária no país vizinho - Rodésia (atual Zimbábue que era, naquela ocasião, governado por Ian Smith e uma minoria branca) e era apoiada pelo regime racista da África do Sul.

áreas rurais². Apesar da língua oficial (ensinada formalmente nas escolas) ser o português, 60,5% da população é considerada analfabeta nessa língua mesmo escrevendo em outra língua como o árabe. Contudo, em amplas áreas de Moçambique, as pessoas falam suas línguas “maternas”, cujas primeiras gramáticas – como no caso do *ronga*, *emhakuwa*, e *ndau* – foram elaboradas pelos missionários que chegaram à região entre finais do século XIX e início do século XX (Macagno, 2005).

Composto, portanto, por vinte e quatro grupos lingüísticos, e não escapando das influências da globalização e dos discursos de neoliberalismo ocidental, a sociedade moçambicana é caracterizada como multiétnica, multicultural, múltipla.

De que maneira, então, esses estudantes vindos do país da interrogação se comportam e tecem suas redes de sociabilidade aqui no Brasil?

Como nos lembra Pina Cabral (2002) “as identidades são constituídas na relação entre o eu, o mundo e o outro” (p. 08). Tais identidades só existiriam em relação a uma outra, não sendo originais e permanentes. São o resultado de uma relação dialética entre identidade e alteridade. Concordando com Serra (1998) “a questão não é, assim, *quem somos nós?* Mas antes, *quem somos nós em relação aos outros? Ou quem são os outros em relação a nós?*”.

Portanto, foi primordial durante a etnografia observar e analisar de que maneira este grupo se relacionava entre si, no seu cotidiano, bem como, de que maneira suas relações eram estabelecidas com os que estão de “fora”, isto é, brasileiros e africanos de outra nacionalidade.

Os estudantes

2 Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), órgão moçambicano, no ano de 2005.

Completando ao todo 30 estudantes, pode-se dividir este grupo em: estudantes que vieram pelo convênio Ministério da Agricultura de Moçambique – Fead (Faculdade de Estudos Administrativos); os que vieram pelo convênio Ispu (Instituto Politécnico Universitário, uma das maiores instituições particulares de Moçambique) - Puc (Pontifícia Universidade Católica); os que vieram pelo PEC-G (Programa Estudante Convênio) através da Embaixada do Brasil em Moçambique e os que vieram por conta própria.

Grande parte dos estudantes veio pelo convênio do Ministério da Agricultura de Moçambique. Neste grupo a maioria é da capital, Maputo, quatro são de Quelimane, província da Zambézia, dois da Beira, província de Sofala, e dois de Tété. Os estudantes se equilibram em relação a sua formação no ensino médio (lá chamado de ensino secundário): parte veio de escolas públicas e outra frequentou colégios particulares. Temos o caso de dois estudantes que estudavam fora, no país vizinho África do Sul.

Ao serem perguntados o que os motivou a escolherem o Brasil como país para sua formação acadêmica, as respostas foram similares:

Rita: Eu estudava na Beira. Fazia economia na UC (Universidade Católica). Aí, minha mãe um dia perguntou-me se eu não queria estudar no Brasil, que tinha aparecido uma oportunidade ligada ao Ministério da Agricultura. E eu, lógico que queria. Primeiro existe a facilidade linguística, a mesma língua né?! Não teria que me preocupar em aprender uma língua diferente. E eu já conhecia o Brasil por meio das novelas, das músicas, dos filmes, e, claro, do futebol. Era um país que me atraía e que eu achava que não fosse ficar muito deslocada.

Amina: Eu estudava na África do Sul, com minha irmã e com minha prima. Minha mãe um dia disse que tinha surgido uma oportunidade para ir estudar no Brasil. Logo fiquei animada com a idéia. Seria uma oportunidade de sair da África e também ficar longe da minha irmã mais velha, assim eu crescia um pouco e ganhava responsabilidade.

Mauro: Vim à BH por meio do convênio do ministério da agricultura. Fiz a 12ª lá (correspondente ao 3º Colegial no Brasil) e queria prestar para medicina. Terminei o 2º grau na escola secundária, tentei duas vezes para a UEM (Universidade Eduardo Mondlane, a maior universidade pública de Moçambique), mas não consegui. Li sobre as bolsas do Ministério por meio de um edital que saiu no jornal, como era muito bom a biologia, decidi concorrer para medicina veterinária. Para mim era o máximo vir ao Brasil, pensava que cá iria ver aquelas mulheres bonitas e paisagens exuberantes que passavam nas novelas da Rede Globo. Mas a realidade aqui é bem diferente.

Percebe-se, portanto, que o Brasil é um destino atrativo para os estudantes. Mesma língua, paisagem similar, a simpatia, a miscigenação, o calor não só do clima como da gente, foram pontos fortes que os estudantes apontaram como contributo para suas escolhas. Além do reconhecimento de que os estudos aqui proporcionariam uma melhoria de vida.

Carina: Acho que eu, assim como a maioria dos estudantes, está aqui para melhorar de vida. Para obter um diploma que tenha peso, que seja realmente reconhecido lá em Moçambique. Brasil é um país de grande notoriedade, respeito, prestígio e o diploma daqui vale muito lá. Se fosse para estudar em outros países africanos tipo Namíbia ou Angola eu não iria. Mas o Brasil é diferente, outro *status*. E o que me faz aguentar todo esse tempo longe da minha família, dos meus amigos, é saber que no final irei voltar, o diploma será reconhecido, terá peso e eu poderei melhorar de vida, a minha vida e da minha família.

Amina: Nós aqui passamos muitas dificuldades sabe? Cinco anos longe dos nossos, do seio familiar, não é fácil. E, tenho a certeza que a maioria só aguenta isso porque no final de tudo isso quer receber um diploma, o seu canudo, e levar pra família. Mostrar aos pais “olha, já sou doutor”, valeu a pena. Uma forma de não ser igual aos outros, de se destacar, de melhorar a sua vida e a da sua família. Você sabe em Moçambique a vida é dura, muito dura.

Henrique: O que eu mais me preocupo quando voltar a Moçambique, depois de cinco anos a morar fora é em relação ao emprego, em cumprir com as expectativas, em relação ao salário,

se vão me pagar o que eu necessito, se eu vou conseguir viver com o que vão me dar. Se o meu diploma realmente terá peso. Porque lá na terra é diferente: a vida é diferente, mais dura, mais árdua.

Apesar de ser notório o desejo destes estudantes de voltar à sua terra natal após o final do curso, também é grande a preocupação com relação as suas futuras vidas profissionais. O salário, o verdadeiro reconhecimento de seu diploma, o custo de vida, o readaptar-se ao cotidiano moçambicano após cinco anos fora, são questões nas quais os estudantes se mostraram mais aflitos.

Racismo:

Com a vinda dos primeiros estudantes moçambicanos a partir da década de 1990 observou-se, como Santana Vida (2001) afirmara, que situações cotidianas por eles aqui vividas (preconceitos e outras variáveis de intolerância) estabeleciam uma ponte com os dilemas históricos de discriminação e exclusão social de negros brasileiros.

A partir dos anos 1930, o campo temático dos estudos das relações raciais no Brasil tem Gilberto Freyre, sua tese de democracia social e racial³, seus elogios à mestiçagem e ao país racial e culturalmente miscigenado, como alicerce. Foram essas idéias que até os anos de 1960, traduziram “a conotação de um ideal político de convivência igualitária entre brancos e negros” (Guimarães 2003, p. 102)⁴.

Em 1950, uma geração de intelectuais formada pelos estudos da Unesco e na qual se pode destacar Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Antônio Sérgio Guimarães analisaram o mito da democracia racial e enfatizaram a desigualdade e a discriminação. Lembrando Guimarães, uma vez morta à democracia política, em 1964, a democracia racial passou a ser

³ Segundo Antônio Sérgio Guimarães (2003), Freyre fala depois em “democracia étnica” para dizer que, no Brasil, apesar de uma estrutura política muito aristocrática desenvolvem-se, no plano das relações raciais, relações democráticas.

⁴ Incluindo também a semana de arte moderna, de 1922, Guimarães demonstra que a partir daqui uma nova idéia de Brasil e de povo brasileiro é perseguida, no qual o índio e o negro foram introduzidos simbolicamente como parte integrante da nação brasileira.

encarada como mito, como “um discurso de dominação política, [que] não expressava mais um ideal, nem algo que existisse efetivamente [...] seria puramente simbólico, sua outra face seria justamente o preconceito racial e a discriminação sistemática dos negros”. (Guimarães 2003, p. 102).

Ainda neste debate das relações raciais, vale lembrar autores como Fry (1995-1996) que, reinterpretando a teoria cunhada por Gilberto Freyre, recupera a concepção antropológica de mito e vê o “mito da democracia racial” não como falácia, mas como um discurso a ser alcançado⁵.

Parece que a situação destes estudantes se caracteriza pelo que Oracy Nogueira (1985) denomina de *preconceito racial de marca*: o preconceito em relação à aparência, aos traços físicos do indivíduo, a fisionomia, aos gestos.

“Num país onde preto é sempre visto como ladrão, malandro, em suma, como alguém vivendo constantemente à margem da legalidade, facilmente os estudantes africanos passam a viver os mesmos problemas que os afro-brasileiros[...] Mesmo sendo estrangeiros, a cor da pele lhes atribui uma carga negativa, depreciativa e inferiorizante. [...]Podem vir a ser tratados como seres humanos quando tiverem a possibilidade, o tempo e o espaço para provar que são estrangeiros e, sobretudo, estudantes universitários”. (Kaly, 2001, pág. 476).

Nota-se, além disso, a reprodução de discursos impostos que, uma vez constituídos, tornam-se parcialmente autônomos, o que Sayad (1979) denomina de “representações coletivas”. Para além dos discursos, imagens estereotipadas são impostas e efetivadas neste grupo migratório, o que Machado (2005) denomina de “processo de exotização”.⁶

⁵ Pesquisas etnográficas em Moçambique, Zimbabwe, Estados Unidos e Brasil, permitiram que Peter Fry, segundo Schwarcz (2006), reinterpretasse o Brasil não por meio de categorias anglo-saxãs, mas misturando categorias analíticas. Assim, para Fry, estar-se-ia diante de verdadeiros mitos estruturais, sistema ordenado do pensamento social, que exprimiriam percepções fundamentais na vida social. Portanto, “as representações seriam tão reais como as relações sociais e a *democracia racial* não é menos *real* que a discriminação racial” (p. 289).

⁶ Machado explica que nesse processo de exotização, “reproduz-se uma antinomia clássica do pensamento colonial, que é a divisão do mundo entre civilização e selvageria. Ao lado da civilização, obviamente, estão os produtores do discurso ideológico” (p. 08)

Essas situações de “exotização” ou “representação coletiva” são reveladas nas inúmeras histórias do cotidiano dos estudantes, como podemos ler:

Junqueira: Sofri muito no início com o racismo. Você só se descobre preto quando está fora da sua terra. A maioria das pessoas (principalmente mulheres) segura a bolsa e olha com medo, mas já me acostumei. Na faculdade, você é o último a ser escolhido ou lembrado para entrar num grupo.

Cíntia: Em relação ao racismo, creio que existe muita diferença entre racismo que os meninos sofrem, e o que nós, as meninas sofremos. Eles podem ser discriminados no shopping, nas ruas, nas discotecas, enfim no cotidiano, por coisas bobas. Seja por homens e também por mulheres. Em nós o racismo tende a ser mais leve. Claro que já fui discriminada, pelos familiares dos meus amigos brasileiros, quando vou a casa deles e tal, eles sempre olham de baixo para cima, tem aquele olhar de desconfiança, mas os homens brasileiros, os homens brancos brasileiros, ainda ficam com aquela vontade de ficar, de se relacionar com uma mulher preta africana. Ainda existe aquele mistério todo envolvendo a sexualidade da africana e tal, por isso acho que para nós é bem mais fácil ficar com um brasileiro do que os meninos ficarem com brasileiras. O racismo contra os meninos é bem mais violento.

Henrique: (...) História de racismo, não tenho nenhuma em particular. Já sofri inúmeras vezes, claro, mas aquelas histórias que já se tornaram rotineiras. A polícia abordando vezes sem conta, mesmo você estando todo de branco, saindo do hospital veterinário, com pasta, livros. Isso é corriqueiro. Toda vez que andamos na rua, as senhoras seguram suas bolsas mais forte, os caras abaixam as travas dos carros, essas coisas. No outro dia na faculdade, em um trabalho de grupo, por acaso cheguei atrasado à aula nesse dia e todos os grupos já estavam formados. Consegui me encaixar em um grupo, mas, eu não era ouvido, não tinha voz. Todos falavam, opinavam e quando chegava a minha vez de opinar eles paravam, olhavam e continuavam o assunto ignorando totalmente o que eu tinha falado. Eu praticamente não fiz o trabalho, eles não me ouviam, não queriam me ouvir. Mas o pior foi o final, eles terminaram e foram entregar o trabalho sem colocar o meu nome. Não me lembro

por que motivo fui ter com o professor, peguei o trabalho na mesa e reparei que meu nome não havia sido posto. Fiquei indignado, zangado, triste...epa. É f... No final da aula ainda escutei *não era para pôr o nome dele, não era para pôr o nome dele*. Fiquei *maningue off* (expressão tipicamente moçambicana para dizer o quanto alguém está triste, para baixo).

Excluindo-se os episódios que acontecem dentro das salas de aula, nota-se que estas histórias levam um final diferente quando os estudantes abrem à boca. O sotaque é uma marca registrada que os diferencia de qualquer outro brasileiro. Quando eles começam a falar, o comportamento dado a eles muda, chegando a ser, na maioria das vezes, irritante para os estudantes. O excesso de atenção e curiosidade causa um mal estar aos moçambicanos que leva a uma exclusão dos brasileiros do seu círculo de amigos. É possível notar isto, nas respostas dos moçambicanos quando perguntados como era a convivência com os brasileiros:

Rita: Os brasileiros são nossos amigos, mas acabam sendo irritantes quando tocam sempre no mesmo assunto: *E lá em África? E lá em Moçambique? O arroz é assim? O feijão é assim? Vocês fazem isto? Vocês fazem aquilo?* Cinco anos de convívio e eles só sabem falar nisso. É irritante.

Vânia: Ser moçambicana no Brasil é totalmente diferente de ser uma moçambicana em Moçambique. Aqui somos e queremos ser mais moçambicanos do que nunca. O sentimento de pertença fica mais forte. E (...) mesmo se não quiséssemos estão sempre a lembrar-nos que este não é nosso lugar, que não fazemos parte daqui, que não pertencemos a isto. Seja quando abrimos a boca, seja nas conversas cotidianas: *ah, e você de onde é? E lá é legal? E como se faz isso lá?* Essas coisas.

Mauro: A convivência com os brasileiros é harmoniosa, legal, mas, cansativa. A maioria das conversas é sobre Moçambique, sempre as mesmas perguntas - *Lá é legal? Como é lá? Isto aqui tem em Moçambique? Lá vocês fazem isto?* - Então prefiro ficar mais entre a minha gente. Fico mais com moçambicanos ou outros africanos por causa das mesmas afinidades. Escutamos as mesmas músicas, temos os mesmos anseios e as mesmas dificuldades.

Através de festas, churrascos, almoços e outras formas de convivência na qual a música, a dança e a comida são tipicamente africanas, nota-se, realmente, que estes estudantes moçambicanos convivem mais com moçambicanos e com africanos de outra nacionalidade. No mês de Maio à Julho, houve diversas “festas africanas”. Uma alusiva ao dia da África (25 de Maio), e outras referentes ao dia de independência de cada país: Moçambique, Congo, São Tomé e Príncipe.

Parece que o se sentir africano ganha outra conotação em terras estrangeiras. Grande número dos estudantes admitiu que se estivesse em Moçambique não participaria de nenhum evento especial alusivo ao dia da independência, nem se preocuparia em desfilar de *capulana* e lenço na cabeça, mas aqui o sentimento de pertença fica mais forte.

Eles desfilam trajes típicos, cozinham pratos tradicionais, tocam durante toda a festa músicas e danças africanas: o *zouk*, *kuduro*, *semba*, *kwassa-kwassa*, *dzukuta*, *pandza*, *funana*. Sem esquecer a bandeira nacional, claro, pendurada num lugar alto e bem visível.

Por outro lado, quando se fala em festa de formatura de seus cursos, que ocorrerá no final de Julho, percebe-se que todos irão participar somente da colação. Todos alegam que os familiares não estarão presentes, além da festa de formatura ser cara. Por isso farão só um churrasco entre eles, os moçambicanos.

Aida: Só vou colar grau, depois fazemos um churrasco aqui com os *mozs* - denominação dos estudantes moçambicanos para se diferenciar dos *brazucas*, estudantes brasileiros, e dos outros estudantes africanos que podem ser *budjuras* (cabo-verdianos), *mangolwes* (angolanos) ou *guiguís* (guinenses), por exemplo. Essa cena de festa de formatura só se estivesse em Moçambique com os meus familiares, meus amigos. E aqui, meus familiares e meus amigos são os outros estudantes moçambicanos, por isso comemorei com eles.

O tema família e parentesco na presente pesquisa é muito forte se mostrando como um assunto chave nas conversas destes estudantes. Além de laços de parentesco reais, isto é, irmãos e primos consanguíneos que vieram estudar juntos, todos se consideram irmãos de todos, independentemente de serem do mesmo sangue. São nesses “irmãos” que eles se apoiam nos momentos de alegria e de penúria.

Mauro: Eu ando mais com moçambicanos, meus amigos, meus irmãos, minha família. Sei que posso contar com eles quando eu precisar, tarão sempre lá (...) nos bons e maus momentos. Somos muito unidos, tudo bem que há sempre uma discussão ou outra. Podemos ficar sem nos falar por dias, mas depois fica tudo bem. Quanto aos outros africanos, também me dou bem com eles: *budjurras, mangolwes, guiguís*. Yah, não com todos eles, mas são gente boa. Vamos as festas que eles organizam, quando nós organizamos nossas cenas eles também vêm, tá ver né.

Esses laços de parentesco também ditam os relacionamentos amorosos entre eles. Mais da metade das moçambicanas em Belo Horizonte namora angolanos. As outras têm namorados de outra nacionalidade africana, e ainda há uma que namora um colombiano. Pergunto o porquê de não namorarem moçambicanos e elas respondem: “os moçambicanos são nossos irmãos, dormimos todos juntos, estamos sempre juntos, a relação é de irmãos, irmandade, percebe? Seria incestuoso se namorassemos, se ficassemos juntos”.

O depoimento de uma estudante pode sintetizar bem como é ser estudante moçambicano em terras brasileiras.

Mila: Viver no Brasil, na condição de estudante, é agridoce. Aqui temos a nossa liberdade, aprendemos a ser responsáveis, amadurecemos, crescemos. Mas também passamos dificuldades. Sofremos com a falta da família, dos amigos, do calor humano. As pessoas aqui são muito frias, cada um na sua vida. Lá temos os familiares, os amigos, o conforto, as raízes. Aqui, você não encontra nada disso. Sabemos que este não é nosso lugar. Este lugar não nos pertence.

Considerações Finais

Observa-se que aqueles primeiros grupos iniciais, os que vieram pelo convênio do Ministério da Agricultura, pelo Pec-G, pela PUC ou ainda, por conta própria, se diluem em um só, Isto é, em nenhum momento, o “regionalismo”, o pertencer a capital, a província, a cidade ou o interior, altera o relacionamento dentro do grupo, ser branco ou negro, mais abastado ou menos abastado. Vêm todos de uma mesma casa. Pertencem todos a um mesmo lar, a uma mesma nação.

É, portanto, em torno de uma narrativa de nação, da ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade que, recorrendo a Hall (2000), as identidades nacionais se assentam e passam a representar vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares; representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertença. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (Hall 2000, p. 59).

Percebe-se que o assunto família e parentesco é a base para que os relacionamentos fluam dentro e fora do grupo. Não se trata aqui de abordar o tema família em sua maneira tradicional, a família nuclear (pai, mãe, filhos). Quando os estudantes se referem à família se trata de se perceberem uns aos outros como irmãos que, para além de estarem unidos por um mesmo objetivo (se formarem), vêm do mesmo lugar e, no final, voltam para o mesmo lugar.

Referências:

- CABRAL, J. P. A identidade social: uma aproximação à relevância da categoria. In: *Instituto de Ciências Sociais*. Universidade de Lisboa. 2002.
- FRY, P. “O espírito santo contra o feitiço e os espíritos revoltados: “civilização” e “tradição” em Moçambique”. In: *Mana* v.6 n.2 Rio de Janeiro out. 2000
- _____. “Culturas da diferença: seqüela das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral”. In: *Afro-Asia*. No 29-30. p. 271-316. 2003.
- _____. “O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a ‘política racial’ no Brasil”, In: *Revista da USP*, n. 28. 1995.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Ed: UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- _____. “A identidade cultural e diáspora”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol.24. Brasília, 1996.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Ed. DP&A editora, 2000.
- _____. Quem precisa da identidade? In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz T. (org). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.
- KALY, Alain P. Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília, p. 463 – 478, 2001.
- _____. “O Ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro: Um sociólogo senegalês no Brasil”. In: *Lusotopie*. p.105-121.2001.
- MACHADO, Igor J. de R. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. In: *Revista de Antropologia*, vol.47, n. 1, p.207-233. 2004.
- _____. Imigrantes brasileiros no Porto: aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. In: *Lusotopie*, p.121-140. 2004.
- _____. “Estereótipos e preconceito na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal”. In: *Travessia, Revista do Migrante*, nº. 51, janeiro/abril, 2005.
- _____. A Lusofonia e os Lusófonos: novos mitos portugueses. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2002 .
- MACAGNO, L. Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique. In: *Afro-Ásia*, n. 28. pp 97-124.2002.
- _____. Um antropólogo norte-americano no “mundo que o português criou”: relações raciais no Brasil e Moçambique segundo Marvin Harris”. In: *Lusotopie*, pp. 143-161. 1999.
- _____. Os Livros de Momade: Islã e ‘Saber Local’ no Norte de Moçambique. In: *Campos - Revista de Antropologia Social*, América do Sul, 2005.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Revista Anhembi*, abril. São Paulo. (Republicado em Tanto preto, quanto branco, em 1985).

SAYAD, A. “O que é um imigrante?” In: *Peuples mediterraneens, A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Edusp. no 7. p. 3 - 23. 1979.

SERRA, C. (org). *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*. Livraria Universitária. UEM. Maputo.1998

TELLES, E. *Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2003.

VIDA, S. S. Africanos no Brasil: uma ameaça ao paraíso racial. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília, p. 449 – 462, 2001.